

VAMOS PRA PALMARES!!! CATALOGAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DA UFAL

ISSN Eletrônico

2236-5842

Vol. 15 | Nº 12

Jul-Dez | 2023

Resumo

Em 1980, a UFAL foi provocada pelo movimento social negro para realizar o 1º Encontro Nacional do Parque Histórico do Quilombo de Zumbi dos Palmares. A discussão da Serra da Barriga já estava em pauta no Projeto Rondon, em 1979. Por meio da Capes, do CNPQ e da SPHAN (atual IPHAN), o governo federal participou desse evento, assim como vários segmentos do governo do Estado de Alagoas. Inicialmente, a ideia partiu de uma proposta ligada a Empresa Alagoana de Turismo (EMATUR), que objetivava a criação de uma alternativa de turismo para Alagoas, articulando-se com o Projeto Rondon e, a partir daí, com o CNPQ, por intermédio do então Reitor da UFAL, professor João Azevedo. Nessa conjuntura, foi criado o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Alagoas, em 1980, na época nomeado de Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), durante a Semana Zumbi, realizada na Casa Jorge de Lima, em União dos Palmares-AL, como parte das ações do “Projeto Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional”, conduzindo estudos e pesquisas sobre a Serra da Barriga para que esta alcançasse o título de patrimônio histórico nacional (1984), com desdobramentos que levariam a criação da Fundação Cultural Palmares (1988). O acervo do NEABI/UFAL possui documentos manuscritos, impressos e audiovisuais raros que auxiliam pesquisadores que se dedicam a diversos temas como: ditadura, movimentos sociais, redemocratização, racismo e ações afirmativas.

Palavras-chave: : História; Memória; Movimento Negro.

Danilo Luiz Marques (Autor)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Ana Clara Martins Miranda (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Jennifer Thayna de Lima dos Santos (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Laila Talita Ferreira da Silva (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Pedro Vinicius dos Santos Lima (Autor)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Tâmara Elizabeth do N. Duarte (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Submetido em OUT/2022

Aceito em ABR/2023

Revisado em SET/2023

Publicado em OUT/2023

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas (NEABI) foi criado em 1980, e, inicialmente, foi chamado de Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB). O objetivo de sua criação era a condução de estudos e pesquisas para a realização do tombamento do sítio histórico da Serra da Barriga no município de União dos Palmares/AL, local que havia abrigado o Quilombo dos Palmares. Esse processo teve a participação de instituições públicas e de vários segmentos do movimento social negro brasileiro. O presente texto visa apresentar um pouco dessa história e de como os atuais membros que compõem o NEABI/UFAL estão organizando o acervo documental, visando a disponibilização para consulta de pesquisadores e do público geral.

A RELAÇÃO ENTRE O MEMORIAL ZUMBI E O CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA UFAL

“Apresentação do bloco Ilê Aiyê da Bahia, composto de 400 componentes, todos negros”¹.

O Nascimento do Memorial

Foi assim que divulgaram, em 20 de novembro de 1980, a programação da *Semana Zumbi*, evento realizado em União dos Palmares-AL (20/11) e Maceió-AL (19/11), e que marcava a criação do Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como parte das ações do “Projeto Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional”, que conduziria estudos e pesquisas sobre a Serra da Barriga, para que esta alcançasse o título de patrimônio histórico nacional. Naquele ano, a UFAL foi pressionada pelo movimento negro a realizar um encontro nacional, onde ocorreria a apresentação do projeto e a eleição do Conselho Geral do parque. A ocasião marcou a primeira vez que lideranças de todo o país estiveram em Alagoas para realizar a subida da Serra da Barriga, local que abrigou o Quilombo dos Palmares. Uma das maiores caravanas foi a do movimento negro baiano, capitaneada por Mãe Hilda do Jitolu e Vovô do Ilê Aiyê.

Estiveram presentes representantes do mais variado espectro e representativos de entidades e organizações negras nacionais: Movimento Negro Unificado (MNU),

¹ Jornal de Alagoas, 20/11/1980.

Movimento Alma Negra (MOAN) do Amazonas, Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAÍ) da Bahia, Centro de Estudos Afro-Brasileiros (CEAB) de Brasília, Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) de São Paulo e do Rio de Janeiro, Frente Negra de Ação Política de Oposição (FRENAPO) de São Paulo e Espírito Santo, o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) de São Paulo, Centro de Cultura Negra (CCN) do Maranhão, Centro de Defesa da Cultura Negra do Pará (CEDENPA), Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra (CECERNE) de Recife e João Pessoa, e o Grupo de Trabalho André Rebouças do Rio de Janeiro².

Além das lideranças da comunidade negra, o plenário do encontro contou com a presença de 14 representantes das instituições oficiais (Universidade Federal de Alagoas, CNPq, SPHAN, Governo do Estado de Alagoas e Prefeitura de União dos Palmares), totalizando 70 participantes. A assembleia elaborou uma “Declaração de objetivos” e uma “Metodologia de trabalho” que substituiria um projeto apresentado pelo governo federal, rejeitando a natureza comercial/folclórica/turística para a Serra da Barriga. O conceito de “Monumento”, entendido como de natureza estática e imobilizada, foi debatido e substituído por “Memorial Zumbi”, que significava a opção por uma conceituação mais dinâmica, com a participação ativa da comunidade interessada. Assim, o Memorial Zumbi foi concebido com a seguinte meta:

Estabelecer-se como polo de uma cultura de libertação do negro. Esta cultura de libertação objetiva:

1.1 Promover humana e socialmente as massas de origem africana e de todos os segmentos oprimidos do país.

1.2 Exigir a devolução à comunidade afro-brasileira da riqueza que ela criou e que lhe foi usurpada.

1.3 Resgatar a memória de Palmares e da comunidade afro-brasileira como base de luta.

Entre os objetivos assinalados nesse esquema figuram os seguintes:

Exigir do Sistema Oficial de Ensino a correção dos currículos escolares, omissos e injustos com a comunidade afro-brasileira.

Constituir um tribunal antirracista para julgamento dos casos de discriminação e racismo.

Fazer respeitar as religiões afro-brasileiras.

Resguardar juridicamente os direitos humanos da comunidade afro-brasileira, tais como posse da terra, integridade física e oportunidade de emprego³.

² CONSELHO DELIBERATIVO DO MEMORIAL ZUMBI. Memorial Zumbi: um informe à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 97-101.

³ Idem.

A partir de 1980, lideranças do movimento negro e alguns pesquisadores começaram a se reunir anualmente em Alagoas, sempre no mês de novembro. Em 1981, por exemplo, foi realizado em Maceió o 1º *Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares*, onde estiveram presentes nomes como: Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Januário Garcia, Zezé Mota, Clóvis Moura, Décio Freitas, Joel Rufino e Hamilton Cardoso. Os participantes subiram a Serra da Barriga em caravana e muitos seguiram para Recife-PE, onde seria realizada a Missa dos Quilombos, na Praça do Carmo.

Para Joel Rufino dos Santos:

Quando o Memorial Zumbi estruturou-se, em 1981, poucos de nós acreditávamos que a Serra da Barriga fosse ocupar um espaço tão grande do imaginário brasileiro, um papel tão importante nas preocupações dos movimentos negros e democráticos. Tampouco imaginávamos que a Serra da Barriga fosse se tornar um local de visita, uma referência objetiva para esses movimentos. Mas foi efetivamente o que aconteceu. Em certo sentido, Palmares, a Serra da Barriga, tornou-se a Meca dos movimentos negros e democráticos do Brasil.⁴

A proposta do movimento negro era que o Memorial Zumbi se constituísse como uma pedra fundamental na construção de um Brasil democrático e pluricultural. Inicialmente, o tombamento da Serra da Barriga partiu de uma proposta ligada a EMATUR, que objetivava a criação de uma alternativa de turismo para Alagoas, articulando-se com o Projeto Rondon e, a partir daí, com o CNPq, por intermédio da reitoria da UFAL. Zezito Araújo, ativista negro e professor da UFAL, que desempenhou um papel fundamental para o tombamento da serra em 1985, relatou, em evento comemorativo aos 40 anos de criação do CEAB, que o movimento negro interveio na proposta do Estado Brasileiro de resumir a Serra da Barriga apenas a uma perspectiva turística. Aquela geração iniciou um processo de mudança, de ver e entender a Serra da Barriga enquanto um espaço de salvaguarda da memória da luta negra pela liberdade⁵. Zezito era membro da Associação Cultural Zumbi (ACZ), entidade negra criada em Maceió no ano de 1979, e que tinha uma forte atuação política local. A ACZ contava com a participação de mulheres negras que atuaram no processo de tombamento da Serra da Barriga e também merecem destaque: Vanda Menezes (psicóloga), Socorro França (enfermeira), Ângela Brito (professora e meteorologista) e Fátima Viana (professora de química).

⁴ SANTOS, Joel Rufino. Memorial Zumbi: conquista do movimento negro. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 102-107.

⁵ ARAÚJO, Zezito. **O movimento negro em Alagoas e o NEAB – UFAL**. Curso de Extensão Negras Conexões. NEABI/UFAL. 22/08/2020.

O Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi entendia que o conceito de patrimônio cultural, proposto pelo projeto original, estava vincado numa perspectiva eurocêntrica, assim, ficava nítida a tentativa de folclorização das culturas negras e indígenas, silenciando a história de luta contra a escravidão. O Conselho Deliberativo entendia que, historicamente, a “cultural oficial brasileira” pouco se importava com temas centrais à nossa formação como um povo e uma nação, a partir de perspectivas afro-brasileiras e indígenas. No geral, a historiografia brasileira obedecia às normas da visão greco-romana do mundo, que definia a cultura exclusivamente pela experiência européia, omitindo, assim, mais de dois terços do globo. Nesse sentido, alegavam que:

A política cultural dominante no Brasil, com relação aos bens da cultura africana e indígena no país, tem reproduzido de forma beata o comportamento dos poderes coloniais europeus no continente da África. Desrespeitando seu valor epistemológico, espiritual, teológico e filosófico, os dirigentes de tal política tradicional relegam esses bens – geralmente furtados de maneira violenta – a instituições como o Museu da Polícia do Rio de Janeiro, onde muitos objetos religiosos afro-brasileiros, colhidos em batidas policiais nos terreiros, são exibidos para “comprovar cientificamente” a criminalidade inata do povo de descendência africana, ou para fundamentar sua “tendência natural à violência”. [...] . A redução dos bens culturais africanos e dos povos indígenas à condição de objetos curiosos e pitorescos, de interesse etnológico, folclórico ou turístico-comercial, erige-se como fator básico da visão eurocentrista reinante e resulta em outro assalto: a exploração econômica pela extração de uma mais-valia cultural das comunidades produtoras de tais bens⁶.

Dessa forma, a proposta do Movimento Negro Brasileiro para o Memorial Zumbi representava uma inovação, escapando de uma “visão greco-romana do planeta, reconhecendo que o bem cultural não é privilégio de uma só etnia: a branca europeia; há que se incorporar com decisão os legados de outras etnias: a negra e a indígena”⁷. Assim, o processo que culminou na criação do Memorial Zumbi, é um exemplo de tensionamento em torno do direito à memória dos povos afro-brasileiros e indígenas, ilustrando a importância da “participação crítica dos grupos interessados, a fim de orientar a definição do patrimônio cultural para escapar à imposição etnocêntrica, restritiva e imobilizadora que tradicionalmente opera nessas circunstâncias”⁸, refutando os perigos traiçoeiros de possíveis perspectivas excludentes.

⁶ CONSELHO DELIBERATIVO DO MEMORIAL ZUMBI. Memorial Zumbi: um informe à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 97-101.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

Em 1981, a assembleia do *Simpósio Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares* assegurou que o Conselho Deliberativo do parque teria uma maioria de dois terços, composta de representantes da comunidade negra e de “pessoas que tenham trabalho consequente em relação à situação do negro no Brasil”. O conselho constituía um braço executivo do Memorial e suas atividades visavam trabalhar pelo tombamento do sítio histórico da Serra da Barriga. Assim, o tombamento se impôs como requisito prévio e base indispensável para a consolidação do Memorial.

Segundo relato de Joel Rufino dos Santos,

o Memorial Zumbi representa uma antecipação pioneira do que busca e pretende o segmento afro-brasileiro da memória nacional. Os africanos não vieram ao Brasil por opção. Nós, seus descendentes, avocamos o direito inalienável de reivindicar nossa herança nacional. Estamos conscientes do desafio que se levanta a todos os brasileiros dispostos à construção de um Brasil democraticamente coeso, isto é, um Brasil que respeite a liberdade, identidade e dignidade nacional dos segmentos diversos que compõem nossa unidade plural de povo, cultura, religião, língua e filosofia. Um Brasil assim definido não comporta o genocídio dos índios e está incapacitado de continuar sob o monopólio de uma elite de mentalidade eurocentrista que procura manter o poder à custa de práticas racistas e anti-humanas, negadoras dos valores culturais e humanos dos índios e dos africanos. Por isso mesmo, o Memorial Zumbi constitui-se como verdadeira pedra fundamental na construção desse Brasil democrático e pluricultural – mas, principalmente, plurirracial.

Axé Zumbi, orixá afro-brasileiro!⁹

Apesar das fortes mobilizações nas décadas de 1980 e 1990, o Parque Memorial Quilombo dos Palmares só foi inaugurado em 2007, depois de muitos esforços da militância negra brasileira. A Serra da Barriga possui os títulos de Patrimônio Cultural Brasileiro (1985) e do Mercosul (2017), e atualmente é um dos destinos turísticos mais procurados de Alagoas, com uma média de 40 mil visitantes por ano. Todas essas conquistas foram resultados de reivindicações que estavam na agenda de lutas do movimento negro desde 1971, quando o Grupo Palmares de Porto Alegre-RS idealizou o 20 de novembro enquanto o Dia Nacional da Consciência Negra.

⁹ SANTOS, Joel Rufino. Memorial Zumbi: conquista do movimento negro. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 102-107.

O Acervo Documental Do Neabi/Ufal

O Centro de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, criado em 1980, e que atualmente se chama Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, desenvolveu estudos e pesquisas objetivando o tombamento da Serra da Barriga. O núcleo, que teve como primeiro diretor Décio Freitas (1980-1983), foi assumido pelo ativista negro e professor de História Zezito Araújo em 1983, o qual foi responsável pela construção de um vasto acervo documental que se encontra sob guarda da UFAL. Além de toda documentação oficial do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi (atas, memorandos, ofícios, correspondências, mapas, projetos de arquitetura, etc.), possui mais de 200 horas de gravações em áudio (fitas k7), registros audiovisuais em VHS de eventos realizados entre as décadas de 1980 e 1990, cartazes de eventos e campanhas do movimento negro, atas de reuniões e panfletos de entidades negras e dezenas de registros fotográficos acerca das temáticas africanas, afro-brasileiras e indígenas, se constituindo, como um dos principais locais de salvaguarda da memória de movimentos sociais que atuaram na redemocratização do Brasil e que sempre pontuaram: “Enquanto houver racismo, não vai haver democracia”.

O Acervo está sendo catalogado e digitalizado numa parceria do NEABI/UFAL com o Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da UFAL (CPDHIS). As fitas k7 do acervo já estão quase todas em formato digital e registram desde o *1º Encontro Nacional Sobre o Quilombo dos Palmares* (1981) até eventos e reuniões preparatórias para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância que ocorreu em Durban (África do Sul) no ano de 2001. Áudios das reuniões e eventos do Memorial Zumbi entre 1983 e 1989 também compõem o acervo sonoro, com destaque para palestras e cursos de Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento e Kabengele Munanga. Infelizmente, as condições de armazenamento não são as ideais e as fitas ainda não foram transcritas por questões estruturais da nossa instituição que vem sofrendo com cortes no orçamento pelo governo federal.

Além dos áudios em fita k7, o acervo possui um conjunto de fitas em VHS que registraram as celebrações do centenário da abolição em 1988 e o tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares em 1995. Infelizmente, elas ainda não foram digitalizadas por falta de recursos financeiros e equipamentos. Já os cartazes e a documentação sobre o tombamento da Serra da Barriga estão sendo digitalizados pelo CPDHIS e a ideia é que tudo seja

disponibilizado em um banco de dados on-line. Nesse conjunto documental, também ganham destaque as fotografias de Januário Garcia, fotógrafo e ativista negro, responsável por registrar todo o processo de retomada do solo sagrado de Palmares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação de acervos documentais e museológicos no Estado de Alagoas é um problema estrutural e histórico, sempre sofrendo descasos por parte do poder público. A Universidade Federal de Alagoas, através da sua Pró-reitoria de Extensão (PROEX), tem remado na contramão deste descaso e trabalhado em prol da preservação da memória da gente alagoana, a partir de seus equipamentos culturais e museus. O NEABI/UFAL é um núcleo ligado à PROEX e tem se dedicado nos últimos anos a fazer esse trabalho de organização de fontes, recuperação de acervos e sua consequente digitalização. A documentação que está sob guarda desse núcleo, registra, além da memória institucional da universidade, páginas da história da luta negra pela redemocratização do Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo (Org.). **Histórias do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.
- ARAÚJO, Zezito. **O movimento negro em Alagoas e o NEAB – UFAL**. Curso de Extensão Negras Conexões. NEABI/UFAL. 22/08/2020.
- CONSELHO DELIBERATIVO DO MEMORIAL ZUMBI. Memorial Zumbi: um informe à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 97-101.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, N° 23, 2007, pp. 100-122.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- PEREIRA, Amilcar A. **“O mundo negro”**: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. Zezito Araújo. O Movimento Negro em Alagoas: militância e história. **Sankofa**. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, N° 7, Julho/2011.
- SANTOS, Joel Rufino. Memorial Zumbi: conquista do movimento negro. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 102-107.
- SILVA, Jeferson da. **Cultura negra em Alagoas: uma construção da negritude**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PPGCS-PUC-SP, 2008.
- SOARES, Iraneide da Silva. Caminhos, pegadas e memórias: uma história social do Movimento Negro Brasileiro. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 71-87, jan./jun. 2016.